



Marta Neves, Setor de Pesquisa e Documentação MAC PR.
Foto: José Gomecindo.

EXPOSIÇÃO

FAXINAL DAS ARTES, VINTE ANOS DEPOIS

Com esse tema, a 37ª edição do Panorama Brasileiro no Museu de Arte Moderna de São Paulo questiona o passado colonial através das obras de 26 artistas.

FERNANDO A. F. BINI

ABCA/PARANÁ

JHON E. VOESE

UFPR/PARANÁ

No ano de 2002, durante a gestão do governador Jaime Lerner no Paraná, a Secretaria de Estado da Cultura, sob a direção de Mônica Rischbieter e com coordenação precisa de Sandra Fogagnoli auxiliada por Maria Cristina Mendes, organizou o evento denominado de “Faxinal das Artes, programa de Residência de Artistas Contemporâneos”, na pequena vila de Faxinal do Céu na região central do Paraná que, durante duas semanas (17 a 31 de maio de 2002), em um espaço que contava com uma infraestrutura ideal para o evento: local paradisíaco com chalés, auditórios, cinemas, refeitórios, e os mais diversos espaços de trabalho.

Foi um misto entre residência artística e um programa de vivência e discussões sobre os aspectos da arte contemporânea. Foram indicados como curadores Agnaldo Farias e Fernando Bini que, por sua vez, indicaram os nomes dos artistas convidados e coordenaram as atividades internas da duração do evento.

O modelo foi a adaptação do sistema de residência artística, novidade



Vista de Faxinal do Céu, Setor de Pesquisa e Documentação MAC PR. Acervo Faxinal das Artes - Álbum - Gleyce Cruz.

entre nós, mas bastante utilizado nos grandes centros artísticos: durante os quinze dias, aproximadamente cem artistas vindos das mais diversas regiões do Brasil, com uma diversidade que é própria brasileira, se encontraram para uma convivência criativa e para um laboratório no qual vivenciaríamos a arte durante

as vinte e quatro horas do dia. Debates, apresentação de trabalhos, conferências, apresentações musicais, projeção de filmes e a presença durante todo o tempo de Reynaldo Jardim que conversava diretamente com os artistas no seu espaço de trabalho.

Algumas questões importantes apareceram logo no início: o deslocamento dos artistas de uma área urbana para a rural, o grande número de artistas participantes e o tempo exíguo para a realização de uma obra que pudesse ser anexada ao acervo do Estado (a ideia inicial era que estas obras produzidas em Faxinal, participassem a abertura do Novo Museu, hoje Museu Oscar Niemeyer).

Apesar de críticas possíveis, não houve, em nenhum momento, alguma condenação por parte dos participantes, mas o contrário, como afirmou Cristiana Tejo: “Não ouvi ninguém dizer que não estava satisfeito com o encontro. Foi mesmo um privilégio participar”.

As obras produzidas hoje fazem parte do acervo do Museu de Arte Contemporânea do Paraná e assim, passados estes vinte anos, o MAC-PR realiza a exposição “20 anos de Faxinal das Artes - Lacunas e processos”, com a curadoria de Jhon E. Voese.

O Museu de Arte Contemporânea do Paraná volta a refletir sobre essa coleção tão rica e ao mesmo tempo tão complexa. Seja em termos materiais,

de conteúdo, de registros ou mesmo de definições do que é uma obra terminada, ou o que é um rascunho, um vestígio, uma parte num processo. A escolha pelo subtítulo da mostra *Lacunas e Processos*, procura problematizar não só a coleção do MAC-PR, mas também a própria história do evento. Mesmo com uma distância de 20 anos ainda é difícil compreender algumas questões e mesmo pensar sobre algumas contradições referentes a tudo o que ocorre no âmbito da cultura em nosso estado.

A EXPOSIÇÃO RETOMA O ASSUNTO E AS DISCUSSÕES EM TORNO DO EVENTO, AGORA PASSADO O TEMPO, PODE-SE ANALISAR OS SEUS ASPECTOS POSITIVOS E NEGATIVOS DESSA GRANDE EXPERIÊNCIA COLETIVA ENTRE ARTISTAS, CRÍTICOS, CURADORES NA PRODUÇÃO DE PENSAMENTO CRÍTICO E CRIATIVO AO MESMO TEMPO DE PRODUÇÃO ARTÍSTICA.

Durante a pesquisa para a exposição olhamos para o que foi dito, escrito, registrado, ou descoberto, e através das obras produzidas é possível vislumbrar a diversidade própria

da arte contemporânea brasileira. Contudo, o que isso significa ao espectador? Dizer que a produção é diversa, mesmo que pareça óbvio, deve significar que não é possível colocar tudo o que foi produzido em apenas uma caixinha. Portanto são necessários recortes, escolhas e renúncias. Aqui optamos inicialmente por obras que foram menos expostas ao longo desses 20 anos e selecionamos alguns artistas como representantes para nos ajudar a compreender de que forma a participação no evento pode ter impactado sua produção poética. Esses artistas se encontram num primeiro ato da mostra e foram associados através de alguns temas, ou conceitos estruturantes. Esses temas de maneira nenhuma devem se colocar como definitivos, ou menos ainda como única possibilidade de leitura. Servem apenas como nós entre os fios que tecem essa rede muito maior que é a mostra como um todo.

Incluir trabalhos novos em uma mostra de caráter histórico/celebrativo/reflexivo nos proporciona uma leitura de permanências e transformações. Afinal pensemos juntos por alguns

instantes: como estava a cultura no início dos anos 2000 e como ela está agora em 2022?

Outro objetivo da mostra é expor trabalhos que criam tensão entre o paraíso natural onde estavam os artistas e a espetacularização da arte contemporânea, pois um evento de residência artística como o que trouxe mais de 100 agentes do mundo da arte para o interior do Paraná tende a ser um caldeirão de ambiguidades, contradições e terrenos sensíveis que só mesmo a arte consegue equilibrar ou tornar visível.

Em um primeiro núcleo o visitante verá o contraste e as nuances de artistas que apresentam obras inéditas de sua produção recente, mas que de algum modo tiveram seu *insight* poético em Faxinal das Artes.

Iniciamos com o caso emblemático de José Bechara, que é quase onipresente na memória coletiva quando se fala em Faxinal das Artes. Para entendermos o que foi o trabalho selecionamos 4 fotos de José Gomercindo (Gogo), e exibimos como documento. Podemos observar *A casa*, que se explode em



Imagens ao lado, de cima para baixo:
Debate, Setor de Pesquisa e Documentação MAC PR.

José Bechara, Setor de Pesquisa e Documentação MAC PR.

Bernadete Amorim, Setor de Pesquisa e Documentação MAC PR.

Imagem acima:

Rogério Ghomes, Setor de Pesquisa e Documentação MAC PR.

Fotos: José Gomercindo.

móveis. Para compor esse conjunto, uma obra bidimensional de 2022 que demonstra o contraste e versatilidade dele e fechando o conjunto, uma pequena escultura de 2012. Uma narrativa lógica, mas que no fundo é apenas uma construção ficcional conduzida pela curadoria. Bechara conta que os 10 anos seguintes de sua carreira foram desdobramentos do que realizou em Faxinal.

O tema da casa presente em muitos trabalhos feitos em Faxinal do Céu, naquele 2002 friorento, nos leva a obra de Didonet Thomaz, que é uma composição inédita feita com fotos do desmanche da casa de Romollo Gomes de Castro Deus, que faz parte de sua pesquisa e tem impacto em sua produção até hoje. Junto com essas fotos a artista incluiu a obra *Croquis para prováveis pinturas*, que pertence ao MAC-PR e cria uma relação semântica informal, visto que o conteúdo “secreto” dos *Croquis* é sobre o tema da “casa”, mas sua forma foge a qualquer afinidade.

A seguir encontramos um conjunto de obras de Bernadete Amorim, que nos

ajuda na transição temática, pois sua obra *Cura* remete ao tema do corpo como casa, uma casa uterina de onde viemos e é tão forte a ponto de nos proteger em nossa fase mais frágil de desenvolvimento, mas sensível a ponto de nos demandar um cuidado que deveria cada vez mais ser de ordem coletiva, senão comunitária, ultrapassando a noção antiquada de família nuclear. Essa casa-corpo se relaciona com as obras mais recentes de Amorim ao pensar a trama, o tecido, as formas associadas ao feminino e todo um universo de discussões, assim como na obra com estampas “camufladas” e industrialmente sangradas nos levam tanto para a guerra, como para a guerrilha, passamos pelo massacre e pela noção ambígua de proteção militarizada.

Dentro do tema do corpo e introduzindo as questões próprias ao sistema da arte a obra *B.O.* de Rogério Ghomes que se refaz a cada nova mostra demonstrando-se viva, mesmo ao tratar das “mortes” dos agentes da arte. Além disso, a frase escolhida para compor a obra inédita foi feita por Gil Vicente e que tratamos aqui



Marcos Chaves, Setor de Pesquisa e Documentação MAC PR.

como artista homenageado devido à sua trajetória brilhante e sua personalidade amistosa.

Ghomes que nos ofereceu também o tema detetivesco/policial fechamos a primeira sala com Marcos Chaves e sua obra bidimensional (algo raro para ele nessa série) com as fitas zebreadas. A representação de Chaves ficou garantida apenas com a obra do acervo, o que não deve ser pensado como pesar visto que a composição geométrica apresentada é vertiginosamente hipnótica. As linhas de Chaves nos devolvem para o trabalho mais recente de Bechara fechando um pequeno ciclo de “conversas” ou de “debates” entre as obras.

No centro da sala sugerimos uma “arena intimista” para rememorar e representar o que foi dito e vivido em Faxinal. Muito do que foi pensado ficou apenas como sonho, mas a proposta da arena como ambiente próprio da Ação Educativa permanece. Contamos que a equipe organizará da melhor maneira muitas ações para manter viva a memória do evento. Ainda no centro uma TV conta com todas as 11 obras



“Arena intimista”. Foto Jhon Erik Voese.

em vídeo da coleção Faxinal das Artes no MAC-PR.

A escolha por mostrar todos os vídeos se dá na medida em que seria injusto privar o espectador de qualquer imagem em movimento produzida nas terras de Faxinal do Céu. Cada olhar traz além da poesia própria a cada artista, um vislumbre da paisagem, um sorriso no rosto de algum participante que acabou sendo flagrado, outras obras, ou ensaio de obras de arte que ocorreram apenas naqueles dias. Ainda no núcleo da arena estão as faixas

de Marta Neves, ideias divertidas da série *Não Ideia*.

Ao fim da sala o visitante encontrará a variedade de trabalhos pouco expostos, mas com grande potencial para discussão em termos formais, por seus temas ou histórias e que também trazem à tona o espírito de trabalho que esteve presente nos dias da vivência. Passamos por grandes pintores como Delson Uchôa e Emmanuel Nassar, analisamos pequenas obras objetuais como as *Joias de família* de Nazareno, um livro de Guita Soifer,



Marta Penner, Setor de Pesquisa e Documentação MAC PR. Foto: José Gomercindo.



Adriana dos Santos, Setor de Pesquisa e Documentação MAC PR. Foto: José Gomercindo.

outro de Jarbas Lopes e o fantástico catálogo de Camila Rocha com suas *Novas espécies de plantas*. Adentrando um pouco mais, a forma se torna fluida e Manoel Veiga conversa com seu eu de 20 anos atrás, além de dialogar de um lado com seu amigo Gil Vicente, em desenhos em carvão, e com as monotípias de José Rufino de outro lado. Os rostos que se insinuam nos desenhos de Gil Vicente agora se tornam claros e definidos na séria *Cadeiras de rodas*

e próteses: *Molduras do corpo mutilado na pintura*, de Adriana dos Santos e nos fazem pensar sobre o quanto é difícil entender a multiplicidade das existências corporais humanas.

Na sala ainda temos Shirley Paes Leme, Marco Tulio Resende e Flávia Ribeiro, em delicadas obras abstratas contribuindo para nosso vocabulário imagético e em contraste dois trabalhos onde as palavras são elementos pictóricos de Danielle Fonseca e Adrienne Gallinari. Para fechar a multiplicidade técnica o fogão à lenha de Marta Penner que nos traz de volta o tema da casa apresentado no início da mostra e além de nos conduzir para dentro de muitas casas do interior do Paraná, nos conta uma história fabulosa ao mesmo tempo que trágica, sobre um morador da região de Faxinal do Céu, que conserta e vende fogões a lenha e que teve sua casa destruída por um incêndio provocado por um fogão a gás. A ironia se combina com a melancolia.

Falando em ironia fechamos a mostra, não por acaso com a instalação auto reflexiva sobre o próprio Faxinal



Ana González, Setor de Pesquisa e Documentação MAC PR. Foto: José Gomercindo.

das Artes, sobre o sistema da arte contemporânea e por que não, sobre esta exposição de 20 anos. A fome que sentimos por cultura nos é latente ao ver as dezenas de garfos fincados na terra que montavam a deliciosa frase: *Termine sua obra, como uma obra prima*, obra originalmente apresentada em Faxinal do céu, agora desenha um apelo: *Não posso passar sem*. Essa modificação/transformação da obra de Ana González reflete não só os anseios

autobiográficos dela que atualmente sente falta das instituições onde atuou como agente e como artista por anos, mas também como espectadora, visto que passamos pela quarentena em 2020/2021 para conter os efeitos da pandemia, mas acabou por nos mostrar o quanto os museus fazem parte de nossa vida e o quanto temos fome e não podemos passar sem eles.

A exposição retoma o assunto e as discussões em torno do evento, agora

passado o tempo, pode-se analisar os seus aspectos positivos e negativos dessa grande experiência coletiva entre artistas, críticos, curadores na produção de pensamento crítico e criativo ao mesmo tempo de produção artística.

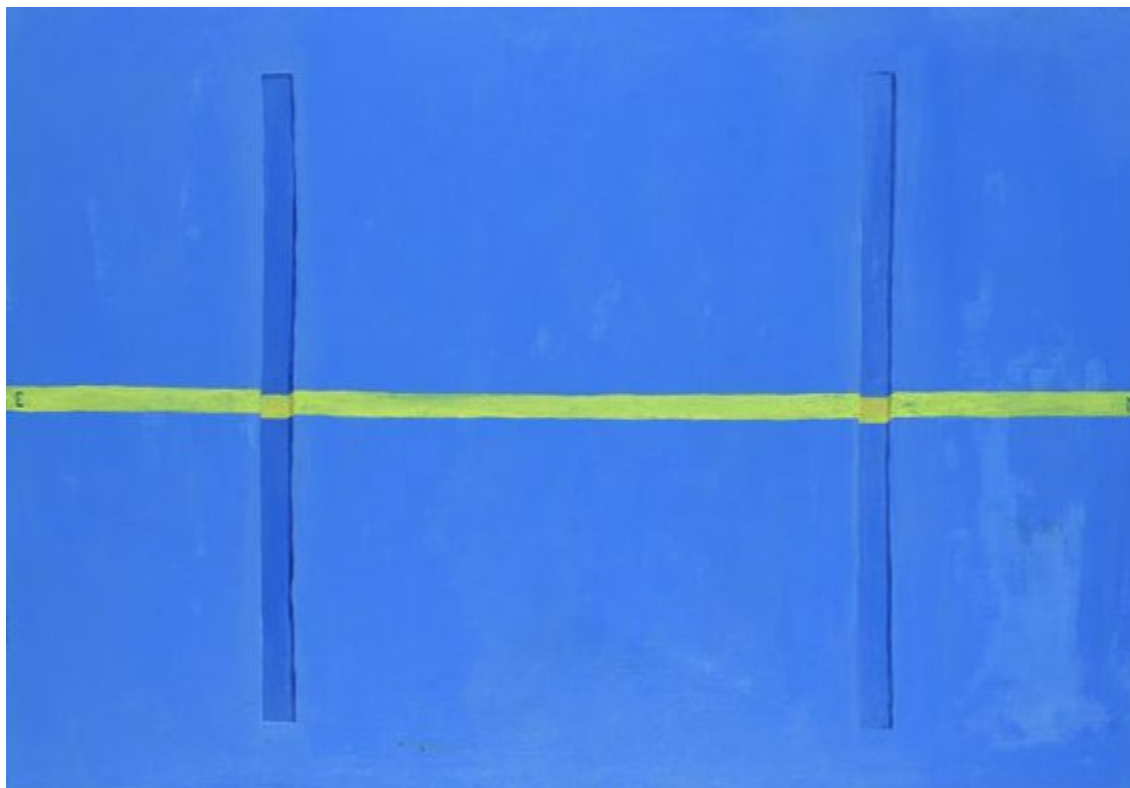
Os artistas, iniciantes e veteranos, saíram do isolamento do seu atelier se deslocando da cidade para o campo o que possibilitou o surgimento *in loco* de um novo significado na criação dos trabalhos a partir de terem que desvendar o mistério que o ambiente proporcionava poeticamente.

Pinhão, Guarapuava, Faxinal é um portal. Passagem pela luz... De algum modo, Faxinal é um processo, sem começo e sem fim; é o meio. Emociona, faz calar, faz andar, faz experiência... (Maria Tereza Louro).

Sem dúvidas, foi algo inovador para a reflexão e produção no meio heterogêneo da arte contemporânea, este encontro dos artistas em Faxinal do Céu não limitou a criação, não restringiu os materiais, não disciplinou o trabalho,

não impediu a invenção, não impôs linguagens, não inibiu a experiência.

A obra de Emmanuel Nassar, produzida em Faxinal e presente na diversidade da exposição concluiu uma das leituras possíveis: da janela para não ver de Marcel Duchamp (*Fresh widow*, 1920) em oposição ao quadro como uma “janela aberta na parede” de Leon Baptista Alberti.



Emmanuel Nassar, Setor de Pesquisa e Documentação MAC PR.

REFERÊNCIAS

CATÁLOGO Exposição Faxinal das Artes. Paraná: Museu de Arte Contemporânea do Paraná, Curitiba, PR, 2002.

VOESE, J. E. (2021). A CASA COMO INSIGHT POÉTICO NA OBRA CROQUIS PARA PROVÁVEIS PINTURAS, DE DIDONET THOMAZ. O Mosaico, 21. Curitiba, 2021. Disponível em: <https://periodicos.unespar.edu.br/index.php/mosaico/article/view/4083>

VOESE, J. E (2020). Lugares preferidos (2002), o “ready-made” de Marta Penner: processo criador na mediação na arte contemporânea. Anais Eletrônicos do XXV Encontro Estadual de História da

ANPUH-SP. São Paulo, 2020. Disponível em: <https://www.encontro2020.sp.anpuh.org/resources/anais/14>

XAVIER, J. S. Faxinal das Artes: uma constituições de um acervo museológico a partir de uma residência artística. MODOS . Revista de História da Arte .Campinas, v. 4,n. 1, pág. 20 a 34 , jan. Disponível em: <https://www.publonline.iar.unicamp.br/index.php/mod/article/ver/4381>

FERNANDO ANTONIO FONTOURA BINI

Professor de História da Arte e Estética, na Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Artista Plástico formado pela Escola de Música e Belas Artes do Paraná. Pesquisador e Crítico de Arte, desenvolve pesquisas sobre a arte e o design con-temporâneos brasileiros.

JHON ERIK VOESE

Doutorando em História no PPGHIS da UFPR, vinculado à área de pesquisa AMENA, sua pesquisa atual tem como objeto o evento Artists to the Amazon (1992). Realizou o mestrado em Artes pelo PPGArtes da UNESPAR (2019-2021), com a dissertação A residência artística como rede complexa de criação: o caso Faxinal das Artes (2002).